

COMO EU ENTENDO ANTE O FUTURO

Valentim Neto - 2015

(Revisão de expressões e apontamentos)

vale.aga@hotmail.com

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ESPÍRITOS DIVERSOS

ANTE O FUTURO

Francisco Cândido Xavier

Publicado em 1964

ESPANHA DIVINA



ÍNDICE

ANTE O FUTURO 4

ANA LUIZA MARTINEZ DE SOUZA 5

ANDRÉ ROGÉRIO ROJAS RIVERA 10

WANDA MARIA CZARNOBAY 13

LIANE HELENA ANÉAS DE PAULA 17

JUSSANE CRISTINA LEITE 22

ROSANA MARIA F. TEMPORAL DE LARA 26

OTÁVIO ROCHA 30

HELİYENE CRISTINA CORRÊA GARCIA 33

ANTE O FUTURO

EMMANUEL
(Uberaba, 13 de setembro de 1990).

Amigo Leitor

Imagina-te dentro de uma noite densa, em que a escuridão estende o seu manto escuro, na qual o céu se mostra oculto, sob o domínio de nuvens, prenunciando tempestade próxima.
Na Imensidão não surge uma estrela sequer descobrindo a cortina das trevas...

*

De quando em quando trovões ameaçadores ribombam no alto, qual se fosse covis de feras soltas e raios mortíferos rasgam a condensação das sombras fazendo tremer a Terra e nada se pode fazer contra essas convulsões da Natureza...

Aqui e ali animais perdidos no nevoeiro em vão procuram o ninho ou o redil que o Mundo lhes oferece por moradia.

Aves piam ou gritam rogando socorro, dando a ideia de seres pensantes, pedindo aos céus providência e amparo contra a fúria do vento desatado por monstros invisíveis.

*

Nas cidades, transeuntes correm com os meios que se lhes fazem precisos, na ânsia de se aconchegarem na tranquilidade e no calor do lar.

*

É a tempestade prestes a cair sobre a Terra expectante...

*

Esse quadro nos compele a recordar a conturbação humana, nesta hora difícil da Humanidade Planetária... Desentendem-se os humanos por bagatelas.

Nações oprimem nações, as criaturas mais fracas ou mais fortes se deixam levar pelas correntes de terror.

Entretanto, assim quais os humanos não podem frustrar os poderes da Natureza, no curso da noite, não conseguem também a gestação de novo dia. Forças imensas do Bem se conjugam para resguardar a segurança da Terra. E se os humanos recusarem semelhante auxílio, persistindo nos caprichos infelizes aos quais se habituaram, desde muito tempo, responderão pelo que fizerem em prejuízo deles próprios.

Confiamos, porém, na sensatez e no discernimento de quantos procuram conservar as conquistas do progresso, na sustentação do Trabalho e da Paz.

*

Os vários povos do mundo não conseguirão obstar a presença da noite, nem disporão de recursos para que a vida humana na Terra atinja o júbilo de um Novo Despertar.

(Anotações:

Vinte e cinco anos depois e... Aqui estamos nós, dentro da conturbação do mundo, nada importando com os avisos e mais avisos dos irmãos espirituais. Será que somente acreditaremos quando estivermos dentro das enormes turbações anunciadas? Será que é necessária a dor pungente, para acreditarmos nas Verdades? Será que necessitamos nos isolar para não sofrer? A Doutrina dos Espíritos aceita, estudada, entendida e aplicada nas possibilidades de cada um é uma, senão a única, LUZ amorosa que nos guiará nas corretas veredas dos dias turbulentos!)

ANA LUIZA MARTINEZ DE SOUZA

Esclarecimentos

Nascimento: 23 de junho de 1967
Desencarnação: 23 de novembro de 1985
Idade: 18 anos

Pais: Cecília Martinez de Souza e Walter de Souza. Residente na Rua das Camélias, 162
CEP. 04048 - São Paulo - SP
Bisavó - Carmem Alabarze - Materna.
Bisavô - Antonio Gimenez - Materno - desencarnado.
Amigas - Daniela e Carla.
Amiga Espiritual - Ana – Irmã de Caridade.

Comentários

Apesar de estranha angústia e inquietação que me acompanhavam há mais de dois meses, jamais poderia imaginar a terrível tragédia que estava para acontecer. Ana Luiza havia saído para mais uma das inúmeras festas de aniversário que costumava ir. Não me parecia que aquela noite estivesse com sua alegria habitual.

Na volta, ao saírem da Discoteca onde se realizou a festa, ofereceu carona para três amigas e mais colegas que moravam perto de casa. Ao retornarem pela Av. Rebouças, deparou com um caminhão estacionado na contra mão. Ana Luiza assustou-se com o inesperado, perdeu o controle do veículo e chocou-se contra um poste. Levada às pressas para o Pronto Socorro do Hospital das Clínicas, apesar dos esforços para salvá-la, não resistiu aos gravíssimos ferimentos e veio a falecer.

Acredito que tudo já estava previsto pelas Leis Divinas pois, segundo me contaram seus colegas do Colégio Objetivo, naquela manhã, Ana Luiza disse a eles que sentia estranho pressentimento e comentou: “Não sei se sou eu que vou morrer ou alguém de minha família”. Algum tempo depois, revendo seus pertences, encontramos um caderninho onde ela relatava um sonho que tivera quatro meses antes da desencarnação onde dizia ter encontrado o avô (recentemente falecido) e que ele lhe falara muitas coisas das quais não se lembrava.

Ana Luiza cursou o 1º Grau, respectivamente, no Colégio N. Sra. do Rosário e depois no Instituto Sta. Anália. Fazia o 2º grau no Colégio Objetivo e planejava fazer Faculdade de Biologia ou Farmácia.

Foi aluna da Cultura Inglesa e frequentava o curso de jazz no Círculo Militar.
Vivia integralmente sua juventude.

No seu velório compareceram inúmeros colegas e um fato que sensibilizou muito a família, foi a chegada de uma maravilhosa coroa de rosas que os próprios alunos entristecidos e chorosos enviaram como derradeira lembrança.

Apesar de nosso conhecimento da bondade e abnegação da figura admirável de Chico Xavier, naqueles primeiros dias de tanto sofrimento e desespero, que nos turvavam o raciocínio, nem pensamos em procurá-la.

Amigos penalizados de nossa situação, além de palavras de conforto nos trouxeram também vários livros de Chico, com encorajadoras mensagens de jovens desencarnados e

assim fui alimentando um íntimo desejo de, futuramente, receber uma mensagem. Confiei, tive fé e orei. Como Jesus é misericordioso, um dia, um amigo de meu falecido pai sabendo de nossa tristeza, nos apresentou à D. Yolanda Cezar, que posteriormente nos convidou para irmos a Uberaba conhecer o Chico. Para descrever esse homem desprendido de bens materiais, mas riquíssimo em virtudes, lembrei-me de uma frase que certa vez ouvi: "Aquele que acende uma luz é o primeiro a ser iluminado".

Por isso o Chico é iluminado.

Ele faz a luz descer sobre as vidas em desatino, faz o sol brilhar de esperança para os corações aflitos, torna mais suave o caminho dos desesperados.

O nosso primeiro encontro jamais esquecerei. Conduzidos, eu e meu marido para um pequeno aposento, Chico nos recebeu e, apesar da simplicidade, senti-me num recanto do paraíso.

Ali, diante daquele homem tão puro, sentimo-nos invadidos da calma e serenidade irradiadas de sua pessoa.

Pediu-nos para ver um retrato de Ana Luiza e então disse-nos:

"Que linda moça é sua filha".

Como não pude conter meu pranto, completou:

"Não chore, ela está bem na companhia de tia Encarnación (falecida tia de minha mãe, que nem sequer conheci).

E continuou dizendo que nem sempre os caminhos de nossos entes queridos são por onde desejamos.

Na segunda noite de nossa estada em Uberaba, recebemos o melhor presente que Deus nos poderia dar. Terminados os trabalhos mediúnicos, Chico nos chamou para ler maravilhosa mensagem que nossa filha nos enviara. Foi a maior emoção da minha vida, meu pranto se confundia com aquelas palavras ansiosamente aguardadas.

Três anos se passaram. A saudade dói e lembro-me das palavras de Chico:

"Eles também sentem saudades e ficam igualmente tristes quando nós ficamos".

Leio e releio a mensagem e ela me traz grande conforto, como a aguinha fresca que rega a plantinha murcha em que, às vezes, o meu coração se transforma. Obrigada, Chico Xavier!

Somente as pessoas que também passaram por isso, sabem avaliar a dor de outros familiares e mães nas mesmas condições. Não há palavras para expressar o desânimo e a tristeza que se apodera daqueles que perderam entes queridos.

É natural que todas as famílias que passam por tão doloroso transe, procurem um conforto espiritual e a primeira lembrança é mesmo para Chico Xavier. Dirigem-se esperançosos para Uberaba e nem sempre conseguem mensagem nas primeiras vezes. Mas não se deve desesperar. Jesus não iria abandonar uma pobre mãe ansiosa por um reencontro. Mas é preciso fazer preces endereçadas a seus amados filhos para fortalecê-los espiritualmente pois, muitas vezes ainda se encontram em tratamento de recuperação.

Os Espíritos são sensíveis às lembranças dos que os amaram e ficarão felizes quando puderem se comunicar. Assim, por mais demorada que seja a espera, nada será perto da alegria e felicidade que a mensagem trará. Posso acrescentar que a mensagem é muito importante. Ela faz crescer a nossa coragem. Porém também é preciso compreender os estranhos desígnios de Deus e aceitar o que Ele nos manda, com resignação. Para melhor entender essas palavras, deixo aqui pequeno trecho extraído de singelo livrinho

"PACIÊNCIA" de Emmanuel - Chico Xavier, que diz:

"Algum ente amado terá perdido a existência no Plano Físico, impondo-te espessa carga de saudades e lágrimas... Entretanto, é possível que, no futuro, venhas a considerar semelhante ocorrência à feição do resultado de uma portaria celeste, liberando a criatura que partiu de pesados sofrimentos que talvez lhe atingissem a paralisação dos movimentos ou o desequilíbrio das faculdades cerebrais".

Apesar de pertencer a uma família católica, sempre me senti atraída pelo Espiritismo. Mas

somente depois de adulta, primeiro por curiosidade e depois por motivos de doença, comecei a frequentar esporadicamente Centros Espíritas. Assim foi que quando minha filha desencarnou, eu já possuía alguma noção da Doutrina, o que depois muito me ajudou a superar o acontecido.

Não digo que por isso foi fácil suportar tamanha provação. Muito pelo contrário. Só Deus sabe o que chorei, me revoltei, blasfemei, nenhuma palavra amiga me sensibilizava. Mas por mais cruel que seja a separação, a vida prossegue e nos impele a obrigações às quais não podemos faltar.

E, precisamente em pequenos momentos de serenidade, fui tomando conhecimento de várias obras psicografadas por Chico Xavier. Nelas encontrei respostas consoladoras para os muitos problemas e dúvidas que angustiavam meu amargurado coração. Assim, com esses livros e mais a mensagem de minha filha, fui encontrando forças para continuar vivendo, agora mais confiante no futuro e glorioso reencontro no Mais Alto, quando o Senhor permitir.

Apenas como curiosidade, gostaria de comentar algo que me fez acreditar sinceramente na veracidade da Doutrina Espírita. Foram sonhos maravilhosos e significativos que tive com minha filha logo após sua desencarnação. Nestes sonhos encontrava-me sempre em cidades de ruas limpíssimas, com prédios magníficos de altas janelas e grandes portões dourados, ornados de formosos arabescos. Em redor, belíssimas flores. Via minha filha em amplo quarto, deitada numa cama coberta por lençol tão leve que parecia feito de nuvens. Estava sendo atendida por bondoso médico de aparência nobre e vestido em roupas alvas, que lhe oferecia pequena refeição. Em sonho posterior, vi minha filha novamente, já com aparência melhor, na sala de minha casa. E diante do meu espanto, disse-me:

"Mamãe, eu nasci de novo! Estou até frequentando uma escola".

É interessante notar que na época destes sonhos (um a dois meses após a morte), ainda não havia lido os livros de Chico que os amigos haviam me trazido. Somente depois de cinco meses, em Uberaba, por ocasião da mensagem, várias senhoras me indicaram os livros "Cidade no Além" e "Nosso Lar", onde se explica como vivem milhares de seres que já se desvencilharam do corpo físico. Ao lê-los notei grande semelhança com o conteúdo dos sonhos.

Mensagem

Querido papai Walter e querida mãezinha Cecília, peço Jesus nos abençoe.

Estou procurando escrever sem pressa no intuito de lhes trazer minhas notícias com a possível segurança.

Sei quanto dói em nossa casa o que me aconteceu, e creiam que as nossas lágrimas se confundem, no mesmo gosto amargo de saudade e sofrimento. Graças a Deus, tenho encontrado proteção e assistência que me sustentam neste reinício da vida. Conquanto ainda um tanto atordoada e sem haver perdido o trauma que me ficou do acidente, sinto-me algo mais encorajada para fortalecê-los.

Compreendo as dificuldades para falar de um mundo para outro, porque estou informada de que habito em outras dimensões vibratórias. Não defino o que seja isso, mas reconheço que não estou mais aí, em companhia dos pais queridos que eu sempre amei tanto. Lembro-me. Estávamos buscando um ensejo para auxiliar na festinha a que havíamos comparecido, um meio de nos recolher à simpatia dos amigos que nos quisessem a companhia. Coloquei-me à disposição dos que estivessem desejosos regressar à casa, quando a Daniela

e a Carla se declararam desejosas de aproveitar a chance para o retorno. Ambas trouxeram ainda dois meninos, quase adolescentes, dos quais não guardei os nomes na memória. Passamos a comentários sobre fim de semana, destacando os problemas dos estudos, e surpreendia-me com o interesse dos rapazinhos ansiosos por mostrarem o próprio adiantamento.

O carro seguia em marcha natural e havia em nós todos o melhor bom humor. Não havia excesso de qualquer natureza. Tudo normal. De quando em quando uma frase nos fazia rir, desinibindo-nos na viagem, na qual nos aproximávamos uns dos outros.

Em dado momento, uma carreta com velocidade superior à permitida, segundo o meu modo de entender, passou por nós e notei que um pique fora feito à feição de pequeno choque que nos compeliu a perder o controle do volante que, ao invés de obedecer-nos, passou a senhorear os movimentos do veículo, causando-nos a todos grande susto.

Entretanto, esforcei-me ao máximo de minhas possibilidades para governar a condução que parecia zombar de minhas forças. Amedrontada com a situação, impunha a possível serenidade a mim mesma. No entanto, o conflito com o poste inesperado nos fez estremecer. O carro desgovernado nos sacudiu com tremenda violência e, embora me dispusesse a ser útil às companheiras e aos amigos de cujos nomes não me recordo, senti que meu crânio recebera uma pancada, deixando-me completamente desorientada. Não só desorientada. Vi-me inconsciente com absoluta incapacidade para estender qualquer auxílio aos que me compartilhavam da companhia.

Escutei os gritos da Daniela e da companheira, mas, a esse tempo, um pesado torpor se me impusera à cabeça, qual se eu recebesse algum processo de anestesia sobre os meus próprios pensamentos.

Não adiantava qualquer reação de minha parte para socorrer alguém, porque eu mesma porejando sangue necessitava de mãos amigas que me restituíssem o discernimento. O meu sofrimento foi enorme, porque enfrentava um problema para mim até então desconhecido.

Perdi toda a noção de minha própria identidade. E fui apanhada para seguir numa ambulância a caminho do hospital. Entretanto, de hospitalização não tenho a mínima lembrança. Acordei, acredito que muito depois do acidente, por duas religiosas, sendo que uma delas, a que se deu a conhecer por Irmã Ana, tem sido para mim uma enfermeira maternal.

Compreendi que me achava em lugar diferente, depois de muito esforço para não gritar pelos pais queridos e por nossa Adriana, porque me achava possuída de estranha alucinação. Desse estado mental de anormalidade incontestemente saí muito pouco a pouco, de vez que eu não queria ter paciência com medida alguma tendente a devolver-me à vida habitual. Dessa condição estou regressando gradativamente e espero em Jesus refazer-me integralmente para as minhas vivências comuns.

Querido papai Walter, muito grata por ter vindo até aqui com a mãezinha Cecília. A sua estrutura mental, querido papai, é a nossa esperança, porque a mamãe ainda sofre os remanescentes do choque que me abateu de modo indefinível.

Dezoito anos! Eu não esperava perder a vida física com a qual me comprazia à feição de qualquer menina e moça de minha idade. Com as preces que tenho recebido da mamãe e da vovó Carmem, estou melhorando para retomar-me tal qual sou. Penso que o desligamento do corpo físico para as pessoas jovens, deve ser uma erradicação do corpo espiritual em condições muito verdes da árvore em que se formou, e que vem a ser a Vida Espiritual. Tenho visto pessoas que chegam até nós, depois de atingir grande maturidade, demonstrando na própria apresentação as desinibições que não nos caracterizam a nós outros, os que chegamos de improviso.

Sinceramente não sei como será o meu amanhã, no entanto, estou confiante no amparo de Jesus que a ninguém abandona.

Papai Walter, peço-lhe muita calma e paciência com a mãezinha Cecília, porque a mamãe

ficou super-sensibilizada com o que sucedeu e, no íntimo, ainda sofre muito. Ignoro ainda qual tenha sido o destino dos que estavam no carro em minha companhia, no entanto, em oração busco entregá-los a Deus estejam como estiverem.

Não estou revoltada, mas, por vezes, no instituto de tratamento em que fui acolhida, pergunto a mim própria o porquê de tudo o que nos sucedeu.

Nos meses últimos, isto é, de março para cá, tenho sido visitada por um benfeitor que se me dá a conhecer como sendo o meu bisavô Antonio. Não tenho qualquer lembrança dele, conquanto a palavra dele seja a de um tutor compreensivo e respeitável. Se mamãe ou o senhor mesmo se recordarem dele, me enviarão pensamentos confirmativos, porque talvez a querida Vovó Carmem nos possa informar. Ainda choro muito, mas tenho boas recapitulações das preces de minha mãe Cecília nos meus tempos de criança e isso me faz grande bem, porque repito as orações que aprendi com a fé viva de uma criança.

Querido papai Walter e querida mãezinha Cecília, beijem a querida irmãzinha Adriana por mim. Não tenho forças para continuar porque a reconstituição mental do desastre, na faixa de lembranças que me ficou, ainda me exige grande esforço e a Irmã Ana, a minha protetora, não julga conveniente que eu me aprofunde nas recordações de minudências da provação que experimentamos.

Perdoem-me pela inabilidade com que me conduzi no carro em desequilíbrio. Sei que os queridos pais me desculpam e fico tranquila quanto a isso.

Querido papai Walter e querida mamãe Cecília, recebam com a nossa Adriana, muitos beijos de saudade e carinho da filha que os adora.

Ana Luiza

(Anotações:

A natural dificuldade daqueles que não se preparam para a, mesmo que acredite eventual, vida espiritual. É evidente que 'alguém' daqui ou de lá tenha 'méritos' para propiciar a comunicação do desencarnante que, claramente, recebeu ajuda para essa comunicação!)

ANDRÉ ROGÉRIO ROJAS RIVERA

Nascimento: 15 de setembro de 1970

Desencarnação: 02 de abril de 1985

Idade: 15 anos

Pais: Ademar Rivera Garcia e Jeannette Rojas Dias Rivera. Residentes na Rua Roberto Toqueton, 181/ 18550 - Boituva - SP

Esclarecimentos:

Irmãos: Andréa Regina Rojas Rivera, Gabriel Tadeu Rojas Rivera, nascido em 15.03.1986, Adriana Roberta Rojas Rivera

Avó: Maria Rosa - materna, desencarnada em 30.5.1958.

Comentários:

"Estávamos ficando desvairados. Sem razões para mais nada.

Tudo perdera o sentido em nossas vidas.

Pensávamos em cessar nossos passos na Terra.

Ideias premeditadas rondavam. Não só eu curtia esses pensamentos tristes como também a minha esposa. Mas, a bondade de Deus olhou por nós, pela minha família e pelos meus filhos que ficaram.

Hoje posso falar com mais serenidade no assunto, embora ainda sinta muito.

André Rogério, em seus 15 anos, demonstrava ser um Espírito já bem vivido. Não sou eu quem o diz. Muitos amigos que dialogavam com ele achavam-no eclético demais para a pouca idade.

Retornando, esse rapaz contou-nos que, inexplicavelmente, ele pediu-lhe para descer da garupa e caminhar ao seu lado.

Não andou mais do que 20 metros, quando foi abalroado por um automóvel Volkswagen onde, no seu interior, três rapazes fugiam da perseguição de uma viatura policial da Rota.

Socorrido pelos policiais da viatura, foi levado ao hospital mais próximo, mas, este não contava com os recursos necessários para o atendimento, transferido imediatamente para o Hospital Beneficência Portuguesa, foi submetido a vários exames e a uma cirurgia cerebral.

Em estado de coma por três dias veio a desencarnar.

Nessa época, André Rogério cursava eletrônica no Colégio São Judas Tadeu. Frequentou também um curso na Escola Preparatória Militar General Telles Pires. Era o seu sonho ingressar na Academia Militar da Aeronáutica.

Pronto a qualquer favor, em festa de aniversário do primo, foi solicitado por alguém a ir comprar um maço de cigarros em uma padaria nas redondezas.

Muita coisa acontecia que nos mostrava a imagem de meu filho. Procuramos o esclarecimento na leitura espírita.

Todos esses fatos nos levaram a Uberaba.

Por ter ganho uma mobinete uns 15 dias antes, convidei um amigo para que fosse junto. Sem nada conhecer nessa cidade, conseguimos encontrar o Centro em que Chico Xavier atendia.

Na noite de sábado, do recebimento da sua carta, minha esposa olhando para o outro lado do salão, viu um rapaz levantar-se e, num ímpeto, ela gritou: "Parece meu filho!".

A sensação fez-lhe formigar as pernas e as mãos. Aflita, perguntou a uma senhora que estava ao seu lado a que horas estavam. Esta senhora respondeu que eram 22:03 horas. Nesse momento ela teve a certeza de que a mensagem que Chico psicografava era a de Rogério, porque, após a sua desencarnação, o seu relógio, sem que houvesse qualquer acerto de nossa parte ou mesmo de outras pessoas, disparava o alarme nesse mesmo horário.

Estamos vivendo não mais dopados pelos calmantes, mas, conscientes de que Rogério vive.

A Terra é o nosso barco onde estamos com os remos da dor para aportar no amanhã, rejuvenescidos pela fé e pela esperança.

Procuremos viver perdoadando, estudando esta Doutrina que nos ensina humildade, caridade e amor ao próximo. E, acima de tudo, a valorização da mediunidade deste servo de Deus na Terra que é Chico Xavier, sempre com o seu amor representado pela dedicação e trabalho em prol do semelhante.

Deus abençoe Chico Xavier, eternamente.

Mensagem

Querida mãezinha Jeannette, peço-lhe me abençoe conjuntamente com o papai Ademar. Seus pensamentos me envolveram de tal modo, que não tenho outro meio de colaborar em sua tranquilidade, senão pedindo a minha vinda até aqui para sossegar o seu querido coração.

Mãezinha, tudo se passou como sendo um relâmpago de violência. Os homens que não conheço se precipitaram sobre mim e a moto foi violentamente atirada ao longe, deixando-me estatelado no chão.

Tive a ideia de que a minha cabeça se quebrara de todo e aquela angústia concentrada era em mim um terrível mal estar. Quis pedir socorro em voz alta, mas as minhas forças esmoreceram. Compreendi que minha queda era uma sucessão de forças negativas compelindo-me a pensar que o fim chegara para o meu corpo como que triturado por dentro.

Notei que o socorro aparecia e que já não me achava tão só, mas o apoio mesmo veio a mim na voz doce e encorajadora da vovó Maria Rosa, que me pedia calma e paciência.

Apanhou-me como se recolhesse um trapo, tamanho era o sofrimento que eu sentia. Preocupava-me o anseio de falar a meu pai e comunicar-me consigo para dizer o que acontecia, mas não pude.

A vovó Maria Rosa solicitou-me coragem e acrescentou que eu não podia perder a confiança em Deus.

Em seguida, retirou-me do corpo estragado qual se me retirasse uma veste do corpo e pediu-me calma e conformação. Falaria aos pais, depois, acentuou ela, asserenando a minha cabeça.

Não deixou que eu visse meu corpo estirado no chão e afastou-se comigo, conduzindo-me em seu colo. Somente aí fui informado de que me desligara da Vida Física, embora continuasse raciocinando e vivendo com intensidade.

Vendo, porém, a minha super-excitação, a vovó recomendou-me dormir e, quando me dispus ao repouso, senti que um torpor indescritível me abafava, sem que eu conseguisse reagir. Então, descansei por muito tempo, com o que recobrei as minhas energias.

Pude então visitar nossa casa, ver as suas lágrimas e perceber a tristeza, do papai Ademar

e das queridas irmãs que lastimavam a minha perda... Sofri, querida mãezinha Jeannette, o que não sei lhe contar, mas a vovó Maria Rosa reconhecendo-me a perturbação, aconselhou-me a orar junto dela a fim de receber as melhoras necessárias e, desde então, estou procurando por mim mesmo o melhor caminho de meu reajuste.

Peço-lhe rogar ao papai não incomodar a ninguém por minha causa. Notei que os meus agressores estavam fugindo ao quadro de alguma ação infeliz, mas, mesmo sabendo disso, não desejo que sejam questionados pela polícia, a título de receber auxílio da opinião dos amigos em nosso favor.

Quem se atira a experiências tão amargas, pelo remorso que traz já carrega muito sofrimento na consciência e no coração.

Esqueçamos tudo, mãezinha Jeannette, e recordemos as bênçãos que Jesus nos tem concedido.

Com o tempo perderei a insegurança em que ainda me encontro e, então, poderei colaborar no serviço profissional do papai e ser para ele um companheiro de ideal e de luta.

As saudades de casa são ainda muitas, ensombrando a minha cabeça, mas, com o amparo das orações que me lembram nas preces, estarei novamente forte, muito em breve.

Peço dizer ao papai Ademar que ele sempre sonhou com a nossa união, lutando para trabalharmos juntos, mas isso não será impossível porque, de qualquer maneira, permitindo Jesus, estaremos juntos para fazer o melhor ao nosso alcance.

A desencarnação pode ser vida nova, mas não é distância e, pelo coração, prosseguiremos unidos.

As queridas irmãs, abraço com o meu melhor carinho.

Sinto que escrevo com dificuldade, sem meios de sustentar, por enquanto, os meus pensamentos contínuos. Uma certa falta de memória interrompe o curso de minhas ideias, mas vou melhorar e restabelecer-me.

Perdoe-me se esta carta não traduz a minha vontade de estar seguro de mim mesmo e, assim como pude vir hoje até aqui para tentar a transmissão de minhas notícias, espero que esta bênção de Jesus não será para mim a única vez.

Logo que me sentir mais forte em mim mesmo, voltarei para escrever melhor, pois, sei que pelo jeito de minha cabeça ainda instável, este meu comunicado não será muito legível, entretanto, aguardarei a minha possibilidade de voltar e dizer-lhes quanto me sinto grato por todas as alegrias que sempre recebi em nossa casa. Mãezinha Jeannette, pedindo-lhe desculpas por minha letra que está praticamente difícil para mim, aqui vou terminar, enviando muito carinho às queridas irmãs e, pedindo ao seu coração querido e ao meu pai, receberem todo o meu carinho e reconhecimento, sou e serei sempre o filho reconhecido.

André Rogério

NOTA: Ao terminar esta mensagem, o jovem André Rogério recomendou-me pedir aos pais para abraçar, em nome dele, as irmãs Andréa e Adriana.

Chico Xavier

(Anotações:

Mais um irmão que, na comunicação, deixa claro a sua dificuldade de manter a lucidez mental, por isso está sendo ajudado. A proximidade do Espírito desencarnado a um irmão encarnado provoca esse problema com a lucidez mental, apenas com o tempo e disciplina é que os desencarnados conseguem se comunicar sem a ajuda de outros irmãos e mantendo a lucidez mental. Nessa situação o problema apenas se situa na 'tradução' das informações do mundo espiritual para o mundo físico.)

WANDA MARIA CZARNOBAY

Nascimento: 06 de agosto de 1960
Desencarnação: 06 de setembro de 1976
Idade: 16 anos

Esclarecimento:

Pais: Victor Czarnobay e Vera Roma Czarnobay. Av. Angélica, 1106 - Apto. 127
São Paulo - SP

Irmão: Juninho - Victor Czarnobay Júnior.

Bisavó: Maria Artioli - de Vera Roma Czarnobay.

Avós: Pedro, Clotilde e Assunta

Tio: João Francisco - esposo de Nair Rapanele Mattos, tios de Vera Roma Czarnobay.

Comentários:

Victor Czarnobay Júnior, investido da autorização de seus pais, reporta os acontecimentos ocorridos no contato de sua família com Chico Xavier e, a inserção neste volume de riqueza espiritual, a carta de sua irmã Wanda, que partiu em acidente automobilístico.

Jesus, ao conciliar os pensamentos e harmonizá-los na responsabilidade de cada um, expressou-se com segurança ao dizer "A cada um segundo as suas obras". Demonstrava aí o Mestre que o amor possessivo, incompreendido, pode interferir nos desígnios de Deus, quando adentramos na responsabilidade do outro.

Ao se perder um ente querido, principalmente do meio familiar, demonstramos quão individualistas somos em nosso sentimento. O "Amai-vos uns aos outros" perde sentido quando nos esquecemos de que somos irmãos em Deus e que estamos na mesma nave planetária para o cumprimento de tarefas próprias a cada coração.

A dor e o sofrimento não compreendidos geram a revolta. Mas a realidade aí está. A misericórdia de Deus existe. Os que partem voltam em auxílio aos que ficam para mostrar que a fé precisa ser mantida para o aprendizado terreno como forma de sustentação para o amor.

A consciência cria as bases salutares para os novos passos. A compreensão clareia a visão e a caridade inicia uma nova etapa em nossas vidas.

Começamos a ser felizes novamente. Os nossos entes queridos vivem. É esta a imagem que Victor Júnior, neste relato, traz à luz para quem está ainda precisando entender o que é a vida sem esperança e fé.

"Na época, muito jovem ainda, não entendia muito o que estava acontecendo, qual a razão de procurarmos um espírita se éramos de formação católica, apesar de minha mãe ler muito os livros de Chico Xavier procurando um consolo e nessas leituras sentir que também receberia uma carta de minha irmã.

Lembro-me o dia em que chegamos a Uberaba, meus pais ansiosos por saberem o que fazer, tomaram conhecimento de que para se falar com Chico Xavier, precisavam obter uma ficha para respeitar a disciplina e a ordem de chegada das pessoas. Assim, fomos em busca dessa ficha e, em seguida, seguimos para o Hotel.

Por volta das 12:00 horas voltamos e logo mais chegava Chico Xavier. Ao passar, percebi que olhava muito para minha mãe. Nos primeiros contatos com Chico, ela lhe disse que gostaria ter uma carta de minha irmã Wanda. Chico pediu-lhe que escrevesse o seu nome numa folha de papel ofício.

Ela escreveu apenas "mãe", pois encontrava-se muito abalada, deixando de completar o resto. Feito isso, retornamos ao Hotel e, à noite, fomos à reunião que se iniciava. No final da mesma, Chico Xavier começou a ler outras mensagens recebidas. Minha mãe ouviu a voz de minha irmã, desmaiou e foi socorrida, não tendo possibilidade de ouvir mais nada. Voltamos ao Hotel e só lá é que tomou conhecimento da carta de Wanda. Foi ajudada por um rapaz de Brasília para enumerar as diversas páginas recebidas. Desde então, papai passou a frequentar com mais assiduidade a Igreja, não perdendo uma missa semanal e nós seguindo o caminho da Doutrina Espírita, onde, pouco a pouco, a mensagem de Wanda foi me aclarando o entendimento. Na época pouco podia entender pela minha pouca idade.

Mensagem:

Mãezinha, abençoe-me, com a bênção no Junior.

Estou aqui, sim, acompanhada ou trazida, ainda não sei bem.

Tenho comigo a bisá Maria, nossa querida Maria Artioli, o tio João Francisco, a irmã Assunta, que tem o mesmo nome da querida Bisá que aí se encontra com vocês, na Terra.

Mãezinha, a chegada aqui não é muito diferente da chegada aí na Terra.

Aí nascemos no berço, à feição de quem dorme e não consegue falar e aqui, a pessoa desperta podendo falar, mas conhece a poucos. Pelo menos em meu caso. Parece que eu devia encontrar meus parentes mais avançados em anos, para aprender que ser jovem não significa superioridade.

Venho pedir o seu perdão, por haver teimado em querer guiar tão menina.

A senhora e tia Nair lembrarão que um mês antes do acidente, em seis de agosto, eu completara dezesseis anos e falava como se pudesse ser uma senhora que comandasse o próprio destino. Bastou um mês depois e caí na experiência em que me vi de uma hora para outra.

Mãezinha, não acredite que sua filha estivesse fazendo esnobação.

As amigas e eu falávamos das comemorações que seriam realizadas a sete de setembro - o carro movia-se, mas o fusca não estava acelerado e sua menina nada havia bebido que pudesse favorecer perturbações, como tanta gente admitiu.

O que senti foi um choque que até hoje não sei esclarecer. A princípio, escutava as perguntas que me dirigiam, sem possibilidade de responder, mas depois, foi aquela hora lenta constituída de muitas horas, até que a morte me aconteceu.

Lembrei, ao acordar, de seus avisos e conselhos, mas já não conseguia senão chorar. E o pior de tudo, Mamãe, é que a senhora se enfraqueceu e quis também morrer.

Quantos dos nossos entes mais queridos culpam nossos pais por atos que pertencem a nós.

A senhora me acompanhou o crescimento ensinando-me prudência e calma, paciência e trabalho.

Mas eu sei que não eram as opiniões dos outros que a faziam chorar, mas sim a saudade - a saudade de sua filha que a senhora e meu pai amaram e amam tanto.

Vi que os remédios de tranquilizar anuviavam os seus pensamentos e momentos houve, naquele fim de 1976, em que a senhora, por minha causa, foi considerada sem equilíbrio mental suficiente para dominar-se.

O que orei, o que pedi, o que roguei para que a senhora e meu pai Victor continuassem

vivendo, não saberia contar.

Antes de tudo, porém, sou eu que preciso de tolerância para ter paz.

Perdoem-me. Não me queiram mal pelo acidente que não provoquei.

Mãezinha, depois de lutar muito para asserená-la, sinto muita fadiga do esforço que despendi.

Ajude-me perdoadando. Não se lembre de sua filha com qualquer queixa.

Com a idade tão verde no corpo, reconheço que eu não tinha todos os reflexos para controlar a máquina, mas eu amava aquelas corridas, o carro que parecia calçado de patins ganhando tempo.

Peço à senhora e a meu pai que me desculpem. Não deixei a Terra fazendo o mal.

Mãezinha, eu fugia dos tóxicos e afastava-me de qualquer proposta de alguém capaz de me tomar menos parecida com a senhora, ou distante dos exemplos que recebi em casa.

O que eu tinha era a alegria de andar depressa, de caminhar com o tempo que eu dizia meu tempo, esquecendo que qualquer tempo é de Deus.

Júnior, meu querido Victorzinho, não queira tudo de uma vez, quando a vida aparecer a você com muitas facilidades. Espere e estude, trabalhe e fique forte.

Quando você conversar com sua irmã nos retratos, prometa-me que você será um bom rapaz, comedido e bom para nossos pais.

Diga ao Papai Victor que não morri, que moro num diferente país, onde a gente começa a aprender a pensar com mais segurança.

Peça a ele que não entregue o trabalho de Mãezinha unicamente para o vovô Pedro.

Mãezinha precisa trabalhar com o estímulo de uma pessoa que se reconhece com a felicidade de receber o amparo justo pelo que faz.

Júnior, ajude nosso Paizinho a pensar e pensar. Fale com ele que a morte não existe e que eu peço a ele esquecer os momentos difíceis em que o hospital nos apresenta de forma assim rude, na tentativa de salvar-nos da morte.

Agradeça, Mãezinha, as preces de minhas queridas avós Clotilde e Assunta e agradeço também a tia Nair por ter vindo.

Meu tio, que hoje conheço com tanta gratidão, está velando por ela, amparando-a e ajudando os filhos queridos.

E peço a você, Mãezinha Vera, que ore pela fortaleza de sua Wanda.

Às vezes, a tristeza me empana o coração como se uma nuvem me envolvesse. Compreendo que devo alimentar a esperança, só a esperança, mas voltei para cá sem uma preparação justa.

Os nossos amigos aqui me explicam que eu não tivera tempo para isso, com dezesseis anos apenas, entre o amor de meus pais e os livros que me impunham os deveres de organizar a vida.

Mãezinha, abençoe-me outra vez. Tia Nair, sua bênção para mim.

As lágrimas de alegria e de saudade pesam em mim como se meu coração fosse uma balança com dois pratos.

Não sei se a saudade que ainda me pesa é mais volumosa que a alegria de poder dirigir-lhes esta carta.

Peço a Deus para que não venham para cá, um dia, com a violência com que vim, à maneira de planta arrancada à força do chão em que me cabia crescer. E tudo por minha própria conta, porque fui eu mesma a escolher o passeio e a corrida, o carro e os lugares por onde passei.

Preciso muito de ser lembrada por vocês com mais serenidade. Tenham paciência comigo.

Nada fiz por mal. Fui vítima de mim própria.

Lembrem-se com aquele sorriso bom que você, Mamãe, me recomendava fazer para enfrentar as dificuldades da vida.

Não posso dizer adeus. Não existe separação. Não existe fim.

Mãezinha, receba com o Papai Victor e com o nosso querido Júnior, o beijo que lhe deixo na face, como a criança acanhada por haver realizado uma travessura que nos trouxe tanta dor.

Ainda assim, é o beijo de sua filha agradecida, de sua filha que não a esquece e que pede a Deus manter a senhora e meu pai em sublime união, porque eu vou crescer aqui, vou melhorar-me e vou auxiliá-los.

Auxiliem-me para que isso se dê mais depressa.

Mãezinha, Mãezinha querida, perdoe sua filha e receba, com Papai e com o Juninho, todo o coração da sua

Wanda Maria

(Anotações:

Esta irmã se apresenta um pouco mais lúcida, mas ainda assim é ajudada para realizar a comunicação. Note-se que, sempre, alguns parentes estão participando ativamente no auxílio ao recente desencarnado e, isto, demonstra a dificuldade maior para a comunicação de lá para cá! Nós ainda não acreditamos que devemos, no mínimo, nos preparar para a trágica ‘morte’ e, assim sendo, provocamos sérios problemas em nós e nos que foram ou ficaram...)

LIANE HELENA ANÉAS DE PAULA

Nascimento: 24 de janeiro de 1963

Desencarnação: 3 de maio de 1982

Idade: 19 anos

Esclarecimentos:

Pais: José Wair de Paula e Neusa Anéas de Paula. Residentes na Rua Municipal, 302 - Apto. 33, São Bernardo do Campo - SP
Irmão - Jú - José Wair de Paula Júnior,
Márcia Marilda - Prima de Lika, desencarnada no acidente.
Avó Cida - Aparecida Anéas, materna, desencarnada.
Marcos - Marcos Ferreira dos Santos, noivo de Liane.
Alvimar - Alvimar Andrade Filho, primo de Marcos, desencarnado no acidente.
Papai Sebastião - Sebastião, pai de Marcos. Mamãe Marlene - Marlene, mãe de Marcos.
Cláudia - Filha do casal Dorothy e Antonio Pinheiro Galasse.
Tutti-Frutti - Danceteria em São Bernardo do Campo - SP.

Comentários:

Na época do seu nascimento, os De Paula completavam a felicidade que já reinava em seu lar. Uma robusta e bela menina nascera. Veio para enfeitar e dar cor na vida de seus pais.

Desenvolvia-se e começava a dar presença da sua forte personalidade, o que muito agradava a sua mãe e a seu pai. Transparecia a sua ternura e o seu senso de justiça.

Morena, olhos castanhos, Liane seguiria sua vida.

Na escola primária, despontava ainda mais a sua personalidade. Cumpridora de suas obrigações escolares, definia-se na liderança de suas amigas e crescia no conceito de seus mestres.

O Instituto de Educação Canadá, ao findar-se os quatro anos letivos em que Liane se matriculara, diplomava esta criança que se encaminhava para a adolescência. Ingressa no Colégio São José e termina seu curso ginásial. Em seu roteiro, matricula-se no Colégio Salette e inicia suas aulas do colegial, mas, suas tendências levam-na a procurar outro Instituto de ensino em que pudesse seguir para o magistério.

No Externato Rio Branco em Rudge Ramos – SBC - SP, encontra seu caminho iniciando o Curso de Magistério.

Liane deixa a Terra em maio de 1982.

Na busca dos seus pertences, seus desenhos e poemas, desconhecidos aos seus pais, revelam a poetisa e pintora.

Autêntica em suas ações e defensora dos mais fracos, Liane era a amiga e companheira ideal, a ponto de seus amigos, quando de sua partida para o Plano Espiritual, a homenagearem com um minuto de silêncio, na Discoteca Tutti Frutti, em cena enternecedora.

A imagem da alegria nos 19 anos de vida, esta amiga demonstrou ainda mais o seu valor, quando a família, por repetidas vezes, em sua lápide, recolhe inúmeras cartas de pessoas

desconhecidas e amigas, nas mais lindas e amorosas palavras.

Lika, como era conhecida no seu círculo de amizades, desencarnou juntamente com seu noivo e mais dois primos por ocasião de uma colisão sofrida no automóvel em que se encontravam.

Sua mensagem contém maravilhosos ensinamentos, quando mostra ao noivo os dois lados da vida.

Esforça-se para levá-la numa viagem de retorno ao nosso Plano, numa cidade grande, onde foram surpreendidos por uma bela festa de crianças, pensando Marcos achar-se em outro mundo.

Seguindo, ainda, Lika levou-o a uma favela de seu conhecimento e lá puderam observar e sentir a outra realidade.

Esta mensagem traz o conforto e a realidade da vida que precisamos ter como encarnados, conscientizando-nos para a divulgação da Doutrina Espírita como fonte inesgotável de saber, para se suportar as amarguras no caminho dos compromissos assumidos por nós, Espíritos em provas. Portanto, Chico Xavier, nos seus 62 anos de mediunidade, traz à humanidade, pelos Espíritos, sejam Benfeitores ou ainda carecedores da compreensão, as verdades que Deus coloca para a nossa ascensão.

Deus abençoe essa mediunidade para que a luz do entendimento cristão permaneça por muito tempo neste orbe terreno.

Mensagem

Querida mãezinha Neusa e querido papai José Wair.

Estamos unidos com a esperança de todos os dias.

Mamãe Neusa, já sei o que você está sentindo... Saudades iguais às minhas.

Felizmente, existe a palavra por recurso do intercâmbio. E é nesse prodígio que se alinha no alfabeto, que preciso dizer-lhe que a nossa comunhão é incessante.

Quem define semelhante simbiose?

Onde viverá a saudade sem a esperança?

Onde a dor sem o grande momento de alegria?

Escrevo a você e ao meu pai, conseqüentemente ao querido Ju, imaginando que o bordado das letras se assemelha-se a uma fonte. A corrente cristalina surge num coração para desaguar no outro.

Papai não se incomoda e nem o querido irmão me reprovará. Acontece que não sei pensar sem experimentar-lhe as ideias e ignoro de que modo viver, sem permanecer vinculada à sua vida.

Mãezinha, o tempo é a alavanca da memória. Basta agitá-la com determinadas reminiscências, para que ele nos traga de volta, enquanto vivemos nos dias supostamente extintos. Aciono as teclas das horas e revejo você, perfeitamente você - a me contar passagens da existência, enquanto lhe falo de meus sonhos juvenis.

Aquele seu sorriso é uma estrela que ficou em meu Espírito.

Seu olhar dizia sim ou não, para todos os problemas que eu lhe apresentasse, sem necessidade de grandes elucidaciones. É que o pensamento e a palavra formam esse rio de expressão que lhe dirijo, confirmando que nós ambas estamos doentes. Doentes de separação, de distância, de sede recíproca no sentido de nos revermos uma à outra.

Não sei se sou espelho ou se você, mãezinha Neusa, é a continuidade de mim própria.

Somos dois corações num só, palpitando no mesmo ritmo de ansiedade.

Não encontro outro vocábulo que me defina tão bem o desejo de estar em seu colo, ouvindo

as suas cantigas de ninar, ou de guardá-la em meus braços, para sentir-me segura de mim mesma. E o elo de nossas lágrimas se completa na fome de presença que registramos. Naturalmente que os nossos dois heróis, meu pai e meu irmão, estão conosco, mas em nós duas o fenômeno da união transcende a certeza da companhia.

Às vezes penso que continuo em nossa casa, falando por suas palavras ou imaginando por seu cérebro; outras, mentalizo a sua bondade transfigurada em mãe e mulher, respirando comigo na Vida Espiritual, com sua ternura a se expressar por meu intermédio e providenciar medidas referentes à nossa paz, através de suas mãos.

Pergunto a mim própria, onde estará o céu das religiões, senão na presença daqueles que mais amamos?

Muitos companheiros na Terra supõem que a desencarnação seja o chamado Nirvana de esquecimento integral, enquanto outros muitos acreditam num paraíso determinado, em que se reúnem literalmente aos mensageiros de Deus. Entretanto, eles todos esbarram com a força do amor, a modificar-lhes a jornada.

Chora-se no mundo a criatura que parte, num adeus que o pranto encharca de sofrimento, mas são raras as criaturas que se lembram que as mãos consideradas inertes, dos que desencarnam para o Mais-Além, se movem pelas energias do Espírito, abraçando os que ficam...

E essa algema de luz que conhecemos por saudade, nos prende ao coração que vive dentro do nosso e por mais belas se destaquem as paisagens da vida exterior, o culto desse afeto imortal não nos permite seguir adiante.

Estamos vivas, querida mamãe, e, por isso, não nos desvinculamos uma da outra.

Momentos aparecem, nos quais pergunto à vida se sou você, ou se você será eu mesma. E verifico que a morte do corpo físico foi apenas uma lesão em meu próprio ser de que a saudade é o tratamento salutar, até que o poder de Deus nos reúna de novo...

Meu pai me compreende e agradeço a ele por isso.

Nossa separação temporária foi uma calamidade sentimental em nossa família. Mas dentro da família, estamos nós duas, interligadas pelos laços mais belos da vida.

Agradeço as suas lembranças do nosso três de maio passado... Ouvi suas preces e anotações, considerando que seria tão oportuno o nosso encontro nessa data, mas entendi que para nos utilizarmos da letra, não seria tão fácil naquele aniversário repleto de orações e de lágrimas.

Após deixá-la com as nossas flores e com as nossas reflexões à frente dos retratos queridos, voltei-me ao nosso recanto espiritual, onde o Marcos, a Márcia Marilda, o Alvimar e a Vó Cida me esperavam.

Regressava de seu ambiente amável com minhas forças renovadas e pedi aos amigos me auxiliassem a incentivar a renovação do nosso Marcos, que gradativamente se retoma. Não obstante melhorando sempre, ele ainda assinala recordações que lhe reconstituem o delírio dos primeiros dias em nosso novo mundo de trabalho e de esperança.

Pedi à Marilda e ao Alvimar organizarmos uma corrente de paz e carinho, para que o nosso Marcos viesse conosco à própria Terra, sem que ele soubesse de antemão o itinerário.

Uma excursão reconstituente, eu disse a ele, e logo após retornaremos. Marcos ainda não consegue locomover-se com facilidade no setor da volitação.

Entretanto, coloquei-o entre as mãos da Márcia e as minhas, enquanto o Alvimar se nos ligava ao trio na condição de acompanhante.

Foi a primeira experiência do Marcos na travessia do mar aéreo, que rodeia a vida física do Planeta. E volitamos com tamanha alegria, que me pareceu estarmos num balé da Tutti-Frutti, ensaiando passos que os humanos desconhecem.

Descemos na periferia de uma bela cidade, e, retomando o senso de equilíbrio, qual se retomássemos o corpo terrestre, caminhamos para o centro urbano, enfeitado de belas hortênsias que refletiam a luz do Sol ao anoitecer.

Uma festa de crianças felizes nos surpreendeu, em pleno ar livre, e havia tanta beleza nos cânticos suaves que desferiam, e o ar se fazia de tal modo embalsamado de aromas, que ele, Marcos, encantado, nos perguntou em que mundo havíamos penetrado...

Com a minha alegria natural, expliquei-lhe que estávamos na Terra mesmo e que assistíamos a uma festividade determinada, em que os júbilos infantis constituíam a nota dominante.

Marcos se alegrou vivamente, mostrando novo brilho no olhar e, em seguida, pedi aos companheiros unirmo-nos com todas as forças da vontade, a fim de superarmos as energias da gravitação. Erguemo-nos de novo, sempre juntos e, depois de algum tempo, eu mesma solicitei uma visita a uma favela de meu conhecimento.

A parada se fez sem quaisquer ocorrências dignas de menção, e novamente caminhamos mantendo a postura da antiga vida física e, quase de imediato, surpreendemos o choro de dezenas de crianças que o frio supliciava. Maio anunciava as ondas geladas que se lhe reprimiam.

Andamos por becos sob o nome de supostas ruas estreitas e foi possível enxergar o retrato da penúria em tantos rostos desfigurados a que o estômago vazio imprimia uma impressão de intensa dor.

Mães agoniadas e sem esperança ofereciam aos filhinhos recém-nascidos a ânfora do peito, que nenhuma gota de leite emitiam em favor dos pequeninos familentos.

Alguns homens gritavam palavrões, mostrando desespero e revolta e, em toda parte, o desconforto plantando angústia.

Era tão grande o número das crianças atormentadas e chorosas, que o Marcos indagou de novo em que mundo estaríamos agora, abordando o sofrimento, e a minha resposta não se fez esperar.

Mostrei a ele que continuávamos num outro quadro da própria Terra, e somente aí o nosso querido amigo se capacitou a compreender que víramos dois painéis diferentes um do outro, e percebeu que a festa era irmã da necessidade e nos falou de como nos cabia trabalhar a fim de cooperar no auxílio à penúria.

Vê-lo emitindo conceitos que o estimulavam ao serviço no amor aos semelhantes, foi uma grande alegria que desejo partilhar com a mãezinha Neusa.

Desde então as melhoras dele se fizeram mais seguras.

Começamos a colaborar, desde então, em benefício dos pequeninos e Marcos tem alcançado ideias renovadoras sobre a beneficência e o entendimento sem que lhe violemos o livre-arbítrio.

Esta, mãezinha Neusa, é a notícia mais linda que lhe posso trazer, extensivamente ao papai e ao nosso querido Ju. É muito grande o nosso contentamento com a possibilidade de auxiliar um companheiro a se reconhecer ou a se redescobrir.

Você sabe, mãezinha Neusa, o Marcos não era somente para mim o noivo que nos continuaria a família, mas, também, o amigo a quem me cabe prestar o concurso máximo.

Voltamos à Vida Espiritual através do acidente que nos demitiu da existência terrestre e aquilo que eu supunha cooperar com o nosso Marcos para que ele erguesse, por dentro dele mesmo, um templo de adoração a Deus através do amor ao próximo, no tempo que se seguisse ao nosso enlace, tenho agora que condensar esforços para vê-lo renovado e feliz. Espero em Jesus que o papai Sebastião e a mãezinha Marlene se sintam reconfortados ao saber que o nosso Marcos atingiu conhecimentos novos, e passou a ser mais de Jesus, junto dos que sofrem, ele que já se reconhecia unido a Jesus pela fé viva que lhe marca os pais queridos.

Mãezinha Neusa, estou grata pela paciência de todos os nossos amigos, que me permitem escrever-lhes com o coração no lápis. Muito grata por aceitar as minhas confidências. Parece que você tem à sua frente aquela menina tão sua, quando chegava em casa para lhe narrar as experiências do colégio em Rudge Ramos.

Para mim, querida mãezinha, a integral recuperação do Marcos é um pedaço da felicidade que conhecemos ao nos pertencer uma à outra. A saudade é a mesma, no entanto, as insossas esperanças estão crescendo. Você disse ao meu pai que contava com notícias minhas, e elas aqui estão.

Lembre-me sempre, mamãe, porque não a esqueço. A vó Cida veio comigo e pede a Jesus abençoa-la.

A nossa Cláudia, que se fez nossa irmã e amiga, no serviço assistencial às crianças em necessidades maiores, está presente conosco e beija os pais queridos.

Agora, é ponto final num comunicado de amor sem fim. Os pontos estabelecidos para a escrita terrestre assemelham-se a sinais de trânsito.

Não estamos à frente de um clarão vermelho, mas fitando a promessa de luz verde, que nos fala em seguirmos, dentro da Paz de Jesus, para diante.

Mãezinha Neusa e papai José Wair, recebam com a Ju muitos beijos da filha e irmã, que lhes traz a certeza de nossa união imperecível. União completa de amor e conservada sempre nas muitas saudades da

Lika.

(Anotações:

Um Espírito equilibrado, diferente dos anteriores. Notar a facilidade das expressões verbais, a profundidade das colocações morais, o entendimento das obrigações espirituais e materiais. Observar que não há qualquer ‘doutrinação’ na direção do Espiritismo; veio para ensinar, não para fazer prosélitos! Quando a maioria dos Espíritos deste Orbe estiver assim equilibrado, não mais apresentaremos ou veremos esses quadros de sofrimento e dor tão comuns...)

JUSSANE CRISTINA LEITE

Nascimento: 21 de junho de 1962

Desencarnação: 16 de dezembro de 1981

Idade: 19 anos

**Pais: Jurandyr A. Leite e Neusa Guerrero Leite. Residentes a Av. Engº Saraiva Oliveira, 44
- Apto. 14, São Paulo - SP**

Esclarecimento:

Irmãos - Patrícia e Anderson.

Maria Leite - Bisavó paterna. Desencarnou em 1947.

Guerrero - Avô materno. Desencarnou em 21.05.1941.

Jorge Guilherme - namorado.

**Tiaminho - Tiaminho Daikuara. Conheceram-se no Plano Espiritual. Desencarnou em
25.01.1980.**

Sr. Hélio e D. Sayoko - Pais de Tiaminho.

Comentários:

Em 1976, Neusa Guerrero Leite, assustada e com sérios pressentimentos sobre a vida de sua filha, estava convicta que a perderia em grave acidente de carro, por atropelamento. Este receio a incomodava tanto que nesse mesmo ano resolveu ir até Chico Xavier para tranquilizar-se e obter algum esclarecimento.

Jussane, moça bonita, habilidosa num teclado de piano, estudara música desde os 6 anos de idade até a formatura.

Formou-se também em Instrumentação Cirúrgica no Hospital São Camilo.

Terminara o Segundo Grau no Colégio Objetivo e estava próxima a prestar o vestibular para o Curso de Medicina.

Excelente saúde, nada evidenciava preocupações.

Seus pais até então vivam felizes. O medo de dona Neusa não mais existia. Os desígnios da Providência Divina ainda não se fizeram notar.

Jussane preparava-se para o vestibular de medicina. Mal sabia que o seu preparo estava para as provas divinas.

No dia do exame é acometida por uma grave doença na pele, com características leucêmicas, que a leva de volta à Vida Espiritual em 10 dias, mesmo socorrida pelos melhores especialistas.

Os pais estupefatos e desconsolados, seguidamente buscaram o socorro uma vez mais em Chico Xavier, desta vez não com pressentimentos, mas com a realidade da vida.

Em resposta, Chico lhes dizia: Jussane está muito bem amparada sob os cuidados dos avós e ainda é muito cedo para uma comunicação psicográfica.

Mesmo assim, o contato com Chico foi de profunda emoção e benefícios para a família.

Todos os meses dona Neusa e o senhor Jurandir se faziam presentes em Uberaba. No quinto mês recebem mensagem de Jussane, em peregrinação feita à cidade de Peirópolis,

próximo a Uberaba. Acompanhavam dona Yolanda Cezar nas reuniões do Evangelho que Chico costumeiramente fazia nesse local.

O senhor Jurandir conta-nos como recebeu o primeiro momento de sua felicidade. Estando no local momentos antes da chegada do Chico, adiantamo-nos alguns minutos na estrada. Estava eu colhendo algumas laranjas em pomar ali existente, perto da casa onde se fazia o Evangelho, e acomodava-as em minha camisa feito sacola.

Chico chegava com um fortíssimo resfriado e eu conjecturava comigo mesmo, pois achava um absurdo, um contrassenso as pessoas que o envolviam de tal modo que não o deixavam respirar.

Em certo momento Chico, gentilmente, pede à pessoa ali perto que ficasse um pouco de lado e acena em minha direção. Eu não imaginava e nem supunha que fosse para mim.

Continuei em meus pensamentos, quando dona Yolanda Cezar chama-me e diz: "Chico está dizendo que sua avó Maria Leite está aqui, manda-lhe um abraço e um beijo e que muito o ama".

“Eu não sabia o que dizer de contentamento”.

Logo após, na reunião, Jussane nos envia a mensagem.

Chico dissera que ela chegara amparada pelo Espírito de Hélio Ossamu Daikuara, conhecido como Tiaminho.

A beleza, a naturalidade e a alegria de Jussane continuam a dar forças aos pais, provando com peculiaridades próprias que a Vida Terrena é a prova maior para a Vida Superior Espiritual.

A fé remove montanhas e acalenta nos corações que amam a certeza do amanhã com Jesus.

Mensagem:

Querido papai Jurandyr e querida mamãe Neusa, peço me abençoem.

Estou aqui, trazida por minha avó Maria Leite e pelo amigo Tiaminho, anjo de paciência e bondade, filho dos nossos amigos, senhor Hélio e dona Sayoko, com a tarefa de endereçar-lhes as minhas notícias.

É natural que me sinta constrangida. Ainda não secou a nascente de nossas lágrimas, embora as bênçãos da prece nos encorajem para facear a realidade.

Acabaram-se para mim os dias cinzentos dos sintomas que me afligiam, mas a carência afetiva ainda me assinala o coração que se levanta gradativamente das lutas que me ficaram por dentro do Espírito, de vez que desejava continuar vivendo, ainda que fosse doente, por longo tempo, com a esperança de cura, na Terra mesmo, a fim de que conseguisse realizar as minhas aspirações.

Não me refiro a isso por motivos de inconformação ou de angústia improdutiva e, sim, para expor com sinceridade a minha surpresa ante a visita da força que me determinou a desencarnação.

É que preciso esclarecer a minha condição humana e evidenciar à frente dos seres queridos, a perplexidade que me tomou de assalto, em me reconhecendo distante do corpo enfermo.

Não dera conta de perceber a transformação de que me sentia objeto e, por isso, despertar na vida diferente me doeu muito a princípio. Entretanto, já me desvencilhei do espinheiral de inquietações sem remédio e estou aqui agradecendo a Jesus a oportunidade de consolá-los.

Os pais queridos, a Patrícia e o nosso Anderson estavam como sempre estão cada vez mais vivos em minha lembrança e, sobretudo, os pensamentos se me voltavam constantemente

para o nosso querido Jorge, sempre obtendo novas cores.

É preciso saber usufruir para saber deixar tudo aquilo que se nos faz patrimônio de ventura, a fim de que a consciência e o coração estejam em harmonia.

Conduzida por familiares e amigos ao repouso, pude ouvir lições inesquecíveis de compreensão e discernimento e venho dizer à mãezinha Neusa que o meu querido avô Guerrero que tem sido de incansável serenidade em transmitir-me conhecimentos novos. Querida mãezinha, peço-lhe fortalecer ao nosso querido Anderson em suas ligações com ele, explicando-lhe que ninguém morre e sou, como sempre, a irmã que o estima e nele espera um companheiro que imprima progresso espiritual mais rápido em nossa família. Aproveito para falar-lhe assim, de vez que noto o querido irmão ainda traumatizado e de pensamentos confundidos por muitas indagações por agora sem respostas, quanto a mim, quero dissipar qualquer nuvem de tristeza ou desânimo que lhe paire no espírito juvenil. Além de meu carinho à Patrícia, desejo pedir ao nosso caro Jorge, me compreenda e viva tão feliz quanto merece.

Nos primeiros dias de Vida Espiritual perguntei a mim própria de que modo conseguiria prosseguir sem ele, mas no curso incessante das horas, a bênção do Senhor me favoreceu com a paz e aqui me encontro a lhe pedir resignação e coragem.

O nosso querido Jorge Guilherme está muito jovem e não terá dificuldade para substituir-me.

Querido Jorge, libere você próprio dos pensamentos amargos. Erga a fronte e sinta no íntimo a presença do Céu imenso, como que a convidar-nos para a expansão dos nossos ideais.

Tenho orado e pedido a Jesus nos conceda oportunidades de amar-nos através da família que for organizada por suas queridas mãos.

Nossos pensamentos e planos inflamados de sonhos no Mundo Físico, não nos permitiram caminhar adiante, misturados que foram com as doenças que me alcançaram projetos adiados para o futuro, mas isso não quer significar que você precise fugir às necessidades humanas em cujo quadro Deus lhe determina viver.

Não posso alimentar a esperança de ser a sua companheira no Lar de que faríamos a nossa ilha de felicidade, mas posso consagrar-me a trabalhar por sua felicidade junto àquela companheirinha que o Céu lhe venha a conceder.

Peço-lhe calma sem lágrimas e recordações sem pessimismo que nos conduzam a pensamentos amargos.

Tudo ocorreu conforme as Leis Divinas que nos sugerem aceitar a realidade. Deus sabe o que faz.

Ajude-me ajudando a você mesmo, a fim de que a sua segurança se me faça remédio. É o que lhe peço com toda a sinceridade que me vai no coração, ao mesmo tempo que abraço papai Jurandyr, mãezinha Neusa e meus queridos irmãos, Patrícia e Anderson, já que não posso escrever mais extensivamente.

Não posso alongar-me, entretanto, estou grata a todos os meus que me estenderam abençoado auxílio.

Querida mamãe Neusa, o meu querido avô Guerrero vem me auxiliando quanto se lhe faz possível, a fim de ver-me restabelecida.

Graças a Deus vou indo bem e sem mais palavras que me definam o carinho e a saudade que arqueei nas profundezas de meu Espírito, sou a filha e irmã, companheira e amiga que não os esquece, constantemente reconhecida.

Jussane

(Anotações:

Em cada comunicação nós podemos verificar como está, nesse momento, o Espírito comunicante. Podemos, também, reconhecer a presença de companheiros constituintes da chamada 'família' espiritual. A ajuda para a estabilidade na comunicação do desencarnado é proporcional ao estágio evolutivo do Espírito

comunicante. Quanto mais estável e equilibrado estiver o Espírito, mais longa e clara poderá ser a comunicação. Que estas comunicações e seus detalhes possam incentivar irmãos ao estudo da Doutrina dos Espíritos, não apenas para ser um proficiente, mas um irmão esclarecido dos valores espirituais e da vida espiritual!)

ROSANA MARIA F. TEMPORAL DE LARA

Nascimento: 05 de dezembro de 1963.

Desencarnação: 08 de junho de 1982

Idade: 18 anos

Pais: José Temporal e Ana Maria De Figueiredo Temporal. Residente na Rua Nunes Valente, 136 - Apto. 504, Fortaleza - CE

Esclarecimentos:

Ivonete - Genitora de Renato.

Francisco Logatto - avô de Renato, já falecido.

Affonso - irmão de Rosana, falecido no mesmo acidente.

Dulce - esposa de Affonso.

Julio - Cunhado de Rosana, falecido no mesmo acidente.

Esposo de Maria do Carmo.

Maria do Carmo - irmã de Rosana.

Renato - Cunhado de Rosana.

Comentários:

Estou feliz porque hoje posso contar, animar e conversar com as pessoas que sofrem como eu sofri há 7 anos. Lembro-me que fiquei desesperada depois do choque pela perda de quatro filhos, Affonso e Rosana filhos consanguíneos, Renato e Júlio, meus genros e filhos do coração num acidente de aviação em Fortaleza, com o impacto da aeronave da VASP contra uma serra, restando a dor, a pergunta, e a presença constante deles na minha vivência.

Mara, esposa de Júlio, grávida, veio morar comigo. Por intermédio de Eugênia, amiga, conheci Maria Augusta. Seguidora da Doutrina Espírita, dizia que um dia eu receberia uma mensagem espiritual e que meus entes queridos estavam bem no Plano da Espiritualidade.

Calada, chorava, mas uma esperança aparecia.

Comecei a ler livros espíritas sem entendê-los bem, mas lia. Somente a esperança me alimentava para compreender ser verdade tudo aquilo e que um dia pudéssemos nos encontrar.

Mudamos para o apartamento no qual resido hoje. Cansada pelo esforço empreendido na mudança, procurei logo o leito para dormir. Na madrugada acordei e percebi um braço com a mão estendida acima de mim.

Entendi tratar-se de Rosana. Quis por instinto pegá-la e nada encontrei, mas ela continuava ali: "Oh! Rose, sei que você está contente por termos feito a mudança e estarmos em nossa casa novamente. Não me assusto". Rosana foi embora e adormeci tranquila, isso ajudou a consolidar minha crença.

Minha amiga e companheira de dor, Ivonete de Lara, mãe de Renato, mora em São Paulo,

mas foi através de meu filho Ricardo que conheci o senhor Orlando Moreno, do Instituto Divulgação Editora André Luiz, o IDEAL. Disse-nos que quando possível, viajaríamos para Uberaba. Daí comecei a me preparar para a emoção e para não me desiludir caso não recebesse a mensagem.

Em 05.11.1983, tendo ido a Brasília, meu irmão nos levou à Uberaba, onde me encontrei com o casal Lara vindo de São Paulo.

Na sexta-feira que lá estávamos, fomos ao Grupo Espírita da Prece. Aos poucos juntavam-se a nós outros corações com a mesma saudade, a mesma dor e a mesma esperança.

Entramos no salão, quietos, atentos aos acontecimentos. De repente toca uma música, "Fascinação", a mesma que Rosana escolhera para tocar em seu casamento. Para mim, mais um sinal de sua presença.

A chegada de Chico durante a tarde. A passagem de cada pessoa contando e pedindo algo para alguém.

A força do seu olhar e suas palavras a mim dirigidas: "Quanta dor minha filha. Quanta saudade!".

À noite, de volta ao trabalho, sentando-se à cabeceira da mesa começou o seu trabalho de amor: a psicografia.

O silêncio era interrompido apenas pelo ruído do lápis. Depois de algumas horas termina e faz a chamada das pessoas receptoras das mensagens.

Alguém diz: é para a mãezinha Ana Maria. Achei que era para mim e Ivonete. E era. Fui chamada e a mensagem foi lida. A dor voltou. Meu Deus, quanta dor e sofrimento, meus filhos passaram! Eram tantas as emoções. Voltei logo para São Paulo.

Amigos, hoje conto esta maravilha com o coração feliz! Tenho certeza que minha experiência e a mensagem de Rosana trarão algum alento ao coração de quem sofre. Acredito! Rosana, Affonso, Júlio e Renato, meus pais e José, meu marido que morreu 10 meses depois do acidente, estão todos juntos.

Obrigada meu Deus, por ter conhecido Chico Xavier! Obrigada meu Deus, por ter conhecido pessoas que me orientaram para a Doutrina Espírita! Obrigada, pela força de viver com essa saudade, mas em paz com Jesus!

Mensagem:

Querida Mãezinha Ana Maria e querida Mãezinha Ivonete.

Peço-lhes para que nos abençoem. O avô Francisco Logatto me designa para as notícias às Mãezinhas queridas e, conquanto estimassem, fosse o Renato ou algum outro amigo nosso que me substituísse nesse desempenho, estou feliz, ou quase feliz, depois da nossa viagem acidentada que culminou com a nossa vinda para cá.

Mãezinha, quando tomamos o avião para Fortaleza, efetivamente nem de leve imaginei pudéssemos ser protagonistas do acontecimento que não sei qualificar. Compreendo que as Leis de Deus são exatas e se cumprem com segurança; por isso, não desejo grafar uma carta alarmista, em que o pânico seja chamado a senhorear o ânimo dos que a lerem. Renato e eu trocávamos ideias pela noite adentro, enquanto o nosso Affonso e o nosso Júlio descansavam. Se estivéssemos numa paisagem de guerra, não seríamos tomados de tamanho assombro. O primeiro estampido no choque da máquina com o corpo da serra me pareceu o grito lancinante de alguém anunciando-nos a morte.

Renato abraçou-se a mim evidentemente com a ideia de proteger-me contra qualquer eventualidade, no entanto, esse gesto dele perdurou por um instante só. Outros brados do

avião se fizeram seguidos por uma dispersão de tudo o que éramos nós e de toda a bagagem de mão que havíamos acomodado no interior. Tive a ideia de que a velocidade do avião era tamanha que o contato indescritível do aparelho com a dureza da terra imprimia um estranho movimento a nós todos e a tudo o que nos cercava.

Explico-me assim porque a ligeireza daquele engenho enorme passou a comandar-nos, atirando-nos à distância e nada mais vi senão a queda ao longe, na qual me senti esfacelada, a princípio, para depois reconstituir-me.

Ouvia vozes de criaturas beneméritas a pedir-nos calma e fé na Divina Providência e sem que me fosse possível retirar um dedo sob o controle de minha própria vontade, fui deposta em maca tipo banguê no interior da qual entrei num sono longo, do qual despertei num aposento-enfermaria de grandes proporções.

As lágrimas haviam desaparecido de meus olhos, e por mais as procurasse para exprimir o sofrimento que me chegava à sensibilidade, após conscientizar-me, não as encontrei. Tinha a cabeça pesada e ocupada por visões estranhas e naquele mal-estar indefinível que me possuiu, seria impossível para mim coordenar ideias ou palavras com as quais pudesse me dirigir às enfermeiras que deslizavam ali em silêncio. Tive medo. Quis gemer, no entanto, a minha voz morrera na garganta. Indagava de mim própria o que teria ocorrido, mas não dispunha de meios para qualquer manifestação.

Aquelas santas mulheres que iam e vinham perceberam que o medo me ocupara todos os espaços do próprio Espírito e, aos poucos, me ensinaram de novo a balbuciar palavras.

Perguntei por meus pais, pela mãe Ivonete e pelos nossos entes amados do coração...

Eram os primeiros vocábulos que me escapavam da boca e fui informada de que voltáramos todos, os que viajávamos na máquina gigante, à Vida Espiritual. Esforcei-me. Ganhei novas energias e indaguei do Renato.

Vim a saber que ele, Affonso e Júlio se encontravam em um local diferente. Sofri o que o seu maternal coração e a querida mãe Ivonete podem imaginar até que, depois de providências sobre providências, fui transportada para perto dos amigos e do meu irmão, a fim de vê-los.

A cena que se desenrolou não pode ser descrita, por falta de terminologia que nos corresponda ao espanto. A muito custo levantei-me, necessitando de alguém que me escorasse e as queridas mãezinhas aqui presentes conseguirão imaginar o sofrimento sem limites que me tomou o coração. Em horas semelhantes apenas a confiança em Deus me renovava as energias para ouvir o que me contavam...

Não procurei estender minha visita.

O receio de conturbar-me me empolgava a cabeça.

Impossível associar ideias e traçar novos rumos, quando estávamos abatidos, sem coisa alguma por preservar ou defender que não fossem os nossos próprios Espíritos transidos de dor. Um amigo nos exortou à paciência de profundidade, convidando-nos a pensar e com esse estímulo, foi possível iniciar a nossa conversa. O Affonso e o Júlio falavam em Dulce e Maria do Carmo, enquanto o Renato me tomava as mãos.

Então, como se as nossas forças últimas se entrelaçassem, conseguimos chorar, qual se o pranto fosse um poder capaz de aliviar-nos os corações. Não mais nos achávamos nas cercanias da Aratanha, porque o refúgio a que fôramos conduzidos era um lugar ameno, adequado a se pensar na importância da calma após a tempestade.

Saber-nos no corpo real, de que o corpo físico é apenas uma imperfeita exteriorização, espantou-nos, de vez que, em nosso entendimento, conservávamo-nos tais quais éramos. Não nos sentíamos leves porque a dor nos pesava em todo o ser, entretanto, com os dias a tensão emocional de que nos víamos possuídos cedeu lugar a uma serenidade que atribuo à influência das preces de muitos amigos em nosso novo ambiente.

Mãezinha Ana Maria e mãezinha Ivonete, não traço aqui qualquer quadro tendente a suscitar receios infundados naqueles que, porventura, nos lerem, pois estamos conscientes

de que o choque das primeiras horas não deveria permanecer. Um dos orientadores que nos reconfortavam chegou a dizer-nos sorrindo que se estivéssemos no Plano Físico, não vacilaríamos em encomendar passagens para a volta e para outras viagens, com naturalidade e bom senso, acrescentando que o avião é instrumento de elevado alcance para a inteligência humana e não seria por havermos perdido a bagagem física que haveríamos de mostrar qualquer ojeriza pelas máquinas que nos prestam tamanhos serviços, voando na atmosfera do Planeta.

Parecia-me absurdo ouvir com paciência detalhes técnicos de aviação e acidentes, num momento daquele em que mal nos refazíamos do assombro destrutivo que nos impelira à própria desencarnação e passei a chorar com mais angústia. As explicações foram interrompidas e a nossa luta pela própria restauração se processou, até que eu pudesse vê-la em nossa casa.

Acompanhei os dias finais de meu pai José que, a meu ver, não encontrou resistência para a moléstia de que se viu acometido, por haver perdido todas as defesas corpóreas com a emoção cruel de meses antes. Mãe querida, perdoe-me se me estendo neste relato. É que desejo agradecer-lhe toda a energia de sua compreensão.

Encontro-a tomando ensinamentos sobre a vida e a morte, ao mesmo tempo em que lhe vejo o esforço na cooperação nas tarefas da beneficência, supervisionadas por mentores da caridade e do amor para as criaturas humanas. Estou grata por haver procurado por sua filha ou, aliás, por nós todos, entre os que necessitam de socorro e auxílios de emergência.

Caímos de grande máquina que se espatifou contra uma serra a três minutos de nosso ponto de chegada e você, mamãe Ana Maria, está buscando os que jazem caídos em provação, necessitando de migalhas para garantir a própria sobrevivência. Aprendo consigo os esclarecimentos novos e peço-lhe continue...

Os seus pensamentos estão nos meus e os nossos igualmente se beneficiam com todas as atitudes de conformação e de serviço ao próximo, em que somos lembrados, com a luz de nossa fé em Deus. O Renato me recomendou transmitisse à mãezinha Ivonete os seus carinhos de filho e ambos lhes pedimos, às nossas duas mães aqui presentes, para que nos abençoem.

A emoção me exauriu as possibilidades de continuar e, por isso, encerro aqui o meu noticiário do coração. Mãezinha, o papai José igualmente se recupera nas próprias faculdades marteladas pela dor que lhe agravou os constrangimentos e cada um de nós em nossa vida nova estamos efetuando o possível por restabelecer-nos em tempo breve. O avô Francisco Logatto me faz companhia para vir até aqui e lhes deixa lembranças.

Rogando ao seu coração de mãe me desculpe se me alonguei tanto, na tentativa de expressar o que senti e ainda sinto, embora saiba que a sua ternura me compreende.

Para a mãezinha Ivonete, o nosso carinho imenso e para você, querida mãezinha Ana Maria, todo o coração de sua filha, sempre sua

Rosana Maria de Figueiredo Temporal de Lara.

(Anotações:

Destaque-se nesta comunicação o fato da mãe, ainda encarnada, ajudar a filha, desencarnada, ao assumir conhecimentos espíritas e trabalhos caritativos. Os daqui ajudando os de lá e os de lá ajudando os daqui, como seria maravilhoso se todos os Espíritos deste Orbe conhecessem isso, mas de modo correto, não do modo 'milagroso' que nossas comunidades religiosas ensinam. É lindo o trabalho feito no mundo espiritual em prol dos encarnados e desencarnados, e melhor seria se soubéssemos conscientemente disso!)

OTÁVIO ROCHA

Nascimento: 13 de maio de 1928
Desencarnação: 29 de agosto de 1978
Idade: 50 anos

Esposa: Geny Giatti Rocha. Rua Mata Machado, 151, São Pauto - SP

Esclarecimento:

Ida – Irmã de dona Geny, acompanhou-a a Uberaba.
Rocha - Avô desencarnado
Alice - Amiga Espiritual
Otavinho - Otávio Rocha Junior, desencarnou em 02.09.1972.
Tia Ida - Irmã da progenitora de dona Geny, Octávio Rocha não a conheceu quando encarnado.
Seu velho: Expressão de tratamento carinhoso que os filhos não conheciam.

Comentários

Na noite de 29.08.1978, algo estranho incomodava dona Geny Giatti Rocha.
"Senhor, o que está me acontecendo"?
Nesta expressão Geny Giatti Rocha procurava em Jesus o que lhe acontecia.
Nesse momento seu esposo Octavio Rocha desencarnava vítima de assalto.
Em sua sala de visitas à espera do esposo e, com a mesa posta para o jantar, dona Geny tricotava, quando sentiu um impacto como se lhe tivessem cortado as veias do pé e um tremor profundo em seu corpo.
Assustada, não entendia o que se passava consigo naquele momento. Foi como se estivesse sendo agredida por algo que a desequilibrava totalmente.
Exatamente no período das 19:20 às 19:30 h, Octavio Rocha era assaltado, arrancado do seu veículo, atirado ao chão e morto.
Dona Geny falou-nos:
“Enfraquecida pelo acontecimento e por tudo o que se comentava, por ter estado em Tarde de Autógrafos em São Bernardo do Campo em que Chico estivera, vi-me impulsionada a visitá-lo em Uberaba. Assim fiz três meses após. Lá chegando, preparei-me para a reunião da noite”.
Nessa reunião Chico viu o meu neto. Iluminou-me a esperança, apesar de eu achar que com três meses era muito pouco tempo para uma mensagem.
Na madrugada do sábado, vi o meu esposo ao meu lado.
No final dos trabalhos, Chico lê a mensagem de Octavio para a minha alegria.
Um fato em 1974 que gostaria de registrar: eu estava muito doente, e, em uma das muitas tardes de autógrafos em que Chico se apresentava, nas diversas regiões de São Paulo, em Instituições de Caridade, ao passar por ele, recebi de suas mãos uma rosa, como muitas outras que ele distribuía.

Ao chegar em casa, guardei-a na gaveta em uma embalagem plástica. Após algum tempo fui procurá-la pensando já estar murcha. Qual não foi a minha surpresa ao ver que a rosa se tornara líquida. Entendi que ali estava o remédio para o meu desconforto físico.

Misturei-o com água e bebi.

Chico é uma luz a nos guiar em nossa época.

Mantenho em meu quarto em agradecimento e respeito por tudo o que recebi desse coração de amor, um pôster com sua foto, o qual velo com muito amor e carinho.

A mensagem que Chico nos transmite, seja ela falada ou escrita, elucida-nos completamente.

A cada família, a sua mensagem, sem se comentar sobre o ocorrido, no seu texto a sua verdade. Quem passa por este momento de dor entende perfeitamente o valor, a grandiosidade que representa uma mensagem de um ente querido.

Tomara pudéssemos ser os exemplos de fé para essas pessoas, por já termos passado e recebido o esclarecimento; mas, apenas podemos dizer: acreditem firmemente na vida após a morte do corpo!

É a verdadeira vida, não temos outro caminho, senão seguir os roteiros que Deus nos traça para o soerguimento de cada ser habitante deste Planeta.

Mensagem:

Querida Geny, rogo a bênção de Deus em nosso auxílio.

Vejo você com a nossa irmã Ida e penso em nossa vida feliz, com os filhos queridos, enquanto podíamos viver mais juntos.

Venho com o meu avô Rocha e com a nossa mãe Alice, rogar a você firmeza de fé e muita paciência a fim de vencermos na prova que o vinte e nove de agosto iniciou para nós dois.

Seu velho não morreu, assaltantes do mundo não passam além do corpo. Podem balearnos, balançar as nossas forças, mudar o rumo de nossas realizações e despojar-nos dos bens que supomos aí sejam nossos, entretanto, não nos atingem o Espírito.

Na noite em que me vi cercado, qual se fora um animal pernicioso, para entregar o carro aos que me alijaram do próprio corpo físico, tremi por você que eu deixava, quase que indefesa, conquanto o devotamento de nossos filhos já casados; mas, no íntimo, as orações da infância me vieram tão nítidas à cabeça que consegui me entregar a Deus, embora os nossos irmãos infelizes julgassem que me rendia à exigência deles. No fundo de meus sentimentos sabia, por intuição, que nada acontece por acaso e entendi sem revolta o impacto da situação que me colhia de improviso.

Agradeço as suas preces e, por muitas vezes, vou à Mata Machado, nossa rua, a fim de sentir de mais perto as suas preces a Jesus por mim.

Querida esposa, a noite passou e o que temos pela frente é um amanhecer de luz que considero sem fim.

Aqui me encontro amparado por muitos amigos e até o nosso querido Otavinho é hoje um companheiro para mim.

Mas a saudade naturalmente vive comigo, à maneira de abençoado laço de carinho que nos reúne, um ao outro, para sempre.

Não guarde ressentimentos contra ninguém.

Aqui aprendemos que cada um de nós carrega consigo a bagagem do que faz e, para que os nossos erros sejam devidamente reparados, bastar-nos-á viver, de vez que a existência por si é um tecido de causas e efeitos em constante ação e reação uns sobre os outros.

Os amigos das indústrias metalúrgicas continuam sendo os companheiros fiéis de

trabalhos, e sou muito grato a todos eles.

A tia Ida está presente envolvendo você e a cunhada no carinho de todos os dias.

Desejava ser mais extenso, no entanto, devo encerrar minhas presentes notícias.

Aos nossos filhos e às famílias queridas que ambos nos oferecem, os nossos votos de muita felicidade. Lembranças a todos os nossos e, para você, querida Geny, todo amor e gratidão do companheiro que se sente feliz em viver dia por dia em seu coração.

Sempre o seu

Octavio.

(Anotações:

Aqui o irmão mostra que descobriu aquilo que todos deviam ter consciente e firme: tudo que é matéria nos é emprestado para o nosso trânsito evolutivo na carne! Mas nós apenas descobrimos isso quando já não mais temos a materialidade à nossa volta e disposição. Aproveitemos a oportunidade, seja ela de qualquer duração, seja de anos ou segundos, para aprendermos sobre o nosso mundo real; o mundo espiritual!)

HELYENE CRISTINA CORRÊA GARCIA

Nascimento: 14 de dezembro de 1972

Desencarnação: 14 de março de 1987

Idade: 14 anos

Pais: Luiz Corrêa da Silveira Filho e Elzi Terezinha Garcia Corrêa. Rua Eurides Chagas Cruz, 1401; Três Lagoas - MS

Esclarecimento:

Irmão - Luiz Adriano Garcia Corrêa.

Bisavô – Sebastião Corrêa, desencarnado.

Vovô - Luiz Corrêa da Silveira, paterno, desencarnado.

Comentários:

Nas férias do casal Corrêa, em que as pessoas procuram refazer as forças e a gurizada deliciar-se nos passeios, Luiz e Elzi, pais de Heleyne, mal podiam supor que, na volta desse descanso na tarde do dia seguinte, teriam de suportar a dor pela perda física da filha querida.

Ainda no clima da alegria do retorno, Heleyne passeava com amiguinha de mobilete, quando inesperadamente são colhidas por um caminhão.

Deste choque resultou a desencarnação de Heleyne e a hospitalização de sua companheira.

Mesmo socorridas nada se pode fazer em auxílio à jovem que ainda ficou um dia no hospital de Ilha Solteira – SP.

Nesse ano de sua desencarnação, cursava a 7ª série no Colégio Fernando Corrêa e sempre identificada como excelente aluna obtendo pela sua dedicação, as melhores notas. Por mais, que se procure consolar, o pouco espaço de tempo arrebatava o equilíbrio e torna o ser a imagem da desesperança.

Luiz e Elzi, por gozarem de boas amizades espíritas, foram aconselhados a ir à Uberaba. Nasceu aí o forte desejo de receberem mensagem de sua filha.

Sem olvidar qualquer esforço, dirigem-se à presença do médium Francisco Cândido Xavier.

O senhor Luiz conta que ficou extasiado e impressionado.

Ao acabar de ser lida a mensagem recebida, Chico chamou-me para perto de si e disse-me que Heleyne entrou em contato com ele materializada antes da mensagem e falou muito a respeito de nós e que não fizéssemos nada contra o motorista do caminhão porque não teve culpa.

Estava sofrendo muito com o ocorrido. Isto deixou-me mais perplexo ainda.

Como ele sabia que era acidente de caminhão se mal deu tempo para chegarmos à cidade e ao Centro e não mantermos contato com ninguém até esse momento em Uberaba.

Outro detalhe que chamou a atenção é que na mensagem, Heleyne cita no 2º parágrafo que "Estou sem dores e sem incômodos...".

Nós, eu e minha esposa, comentávamos muito sobre a nossa filha, se estava sentindo dores ou incomodada com a sua situação.

Uma preocupação que não nos deixava sossegados.

Desconhecedores da Doutrina Espírita, a mensagem criou-nos a convicção de que o

Espírito vive, que busca a sua paz como nós que aqui ficamos, por isso, procuramos evitar o mais possível lamentações para que nossa filha sintam-se mais feliz.

Chico Xavier é e foi para nós o Consolador encarnado que a Divina Sabedoria autorizou, porque, Deus, conhecedor supremo de nossas necessidades, não nos dá o fardo mais pesado do que possamos carregar.

Mensagem:

Papai Luiz, mãezinha Elzi e querido irmão.

Estou sem dores e sem incômodos quaisquer.

Não chorem o que me sucedeu. Meu tempo era curto na Terra, diz o meu bisavô Corrêa e estou muito bem tratada.

A mobilete foi uma desculpa; de qualquer modo eu viria, porque as forças da desencarnação têm caminhos que os humanos desconhecem.

Não estou alegre e nem triste. Se eu estivesse em alegria, era como que dizer que não pensava mais em casa e se estivesse triste, seria ingratidão para com aqueles que me procuram alegrar.

Peço-lhes me fortalecerem com os pensamentos de confiança em Deus que nos oferece sempre o melhor.

Ainda não estou assim tão fortalecida de memória para saudar a todos os nossos amigos presentes, mas peço a cada um me perdoe o resto de amnésia que ainda trago comigo e peço ao papai Luiz, ao querido irmão e à querida mamãe Elzi, receberem o carinho e a saudade da filha que tanto lhes quer e que os amará sempre, sempre com tudo de bom que eu possa adquirir com a bênção de Deus para o meu coração.

Heleyne

(Anotações:

Mais uma irmã que se comunica com o auxílio de companheiros espirituais. Como também os outros que se comunicam, a irmã ainda se mantém ligada emocionalmente ao mundo físico e, por isso a sua amnésia parcial. Enquanto nos ligamos – como desencarnados – ao mundo material, não conseguimos evitar os sentimentos, ‘consequências’, que são como sensações físicas, para o Espírito. Lembrar o ensino do Mestre: Onde está o teu tesouro, está teu coração. Caso nosso coração, sentimento, esteja na parte física, o Espírito sente os desequilíbrios físicos! Após a leitura desses irmãos comunicadores, aproveitemos e estudemos um pouco mais aquilo que diz respeito ao Espírito, pois saindo daqui, deste mundo material, entraremos no mundo que lhe é lar, o mundo espiritual...)

FIM